

ANÁLISE TEMPORAL E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA HANSENÍASE NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

José Humberto Rebelo Lima de Castro¹
Angélica Lima Brandão Simões¹
Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA¹

RESUMO

Introdução: A hanseníase é uma doença crônica causada pelo *Mycobacterium leprae*. O Brasil ocupa a segunda posição em número absoluto de casos, sendo considerado pela OMS um país de alta carga da doença, o que torna necessário o monitoramento epidemiológico para subsidiar estratégias de eliminação. **Objetivo:** Analisar a tendência temporal e distribuição espacial da hanseníase na região Sudeste entre 2013 e 2023, e identificar grupos mais vulneráveis. **Método:** trata-se de um estudo ecológico, retrospectivo e analítico, com dados do DATASUS/TabNet referentes aos estados da região Sudeste entre 2013 e 2023. Foram analisadas frequências absolutas e relativas, CAGR e distribuição espacial, representada em mapas coropléticos. O perfil sociodemográfico foi descrito em gráficos. **Resultados:** Foram notificados 51.077 casos na região Sudeste. Observou-se redução até 2019 seguida por queda acentuada em 2020, com retomada posterior sem alcançar níveis prévios. O CAGR indicou redução média anual de -2,97%. São Paulo apresentou o maior número absoluto (17.801 casos), mas o Espírito Santo teve a maior taxa proporcional (162,7/100.000 habitantes). Houve predominância do sexo masculino (55,9%), adultos de 20 a 59 anos (63,9%) e idosos (29,4%). Quanto à escolaridade, prevaleceram indivíduos com ensino fundamental incompleto (39,1%), e na raça/cor, predominaram pretos e pardos (53,1%). **Conclusão:** A região Sudeste apresentou tendência de redução de casos de hanseníase, embora desigual. Persistem maiores riscos entre homens, adultos, idosos, pessoas com baixa escolaridade e pretos e pardos. Os achados reforçam a necessidade de estratégias para superar as desigualdades e avançar rumo à meta da OMS de eliminação da hanseníase.

Palavras-chave: Brasil; Doenças Negligenciadas; Epidemiologia; Hanseníase.

INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma patologia crônica cujo agente etiológico é o *Mycobacterium leprae*, e sua transmissão ocorre através de contato direto e prolongado com as feridas de um indivíduo infectado sem tratamento, sendo a porta de entrada as mucosas das vias aéreas superiores ¹. Em 2019, foram detectados cerca de 200.000 casos de hanseníase em 116 países, com deformidades em apenas 5% dos casos, uma redução de 40% quando comparado aos números de 2014 ². Considerando essa acentuada melhoria, a OMS mudou sua estratégia de eliminação da hanseníase como problema de saúde pública, estabelecendo a meta “Rumo a Zero Hanseníase” visando à erradicação da doença entre 2021 e 2030 ².

No Brasil, entre 2016 e 2020 foram registrados 155.359 novos casos de hanseníase diagnosticados, a maioria deles nas regiões sul e sudeste ³. O país é classificado pela OMS como de alta carga da doença e ocupa o segundo lugar em número absoluto de casos, ficando atrás apenas da Índia ³.

Por se tratar de uma doença negligenciada, a hanseníase é responsável por diversas incapacidades, deformidades físicas e estigmatização; normalmente afetando os mais pobres dentre os pobres, razão pela qual sua abordagem não é interessante do ponto de vista estritamente mercadológico ⁴⁻⁵. Diante disso, é nítido que, visando atingir concretamente o nível zero de hanseníase, são necessárias pesquisas que acompanhem e avaliem o estado epidemiológico da doença ⁶.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo identificar a distribuição espacial e a tendência temporal da hanseníase no Brasil, com ênfase na região Sudeste, além de caracterizar os grupos mais vulneráveis segundo sexo, idade, escolaridade e raça/cor, em consonância com as metas governamentais e globais de enfrentamento.

MATERIAIS E MÉTODOS

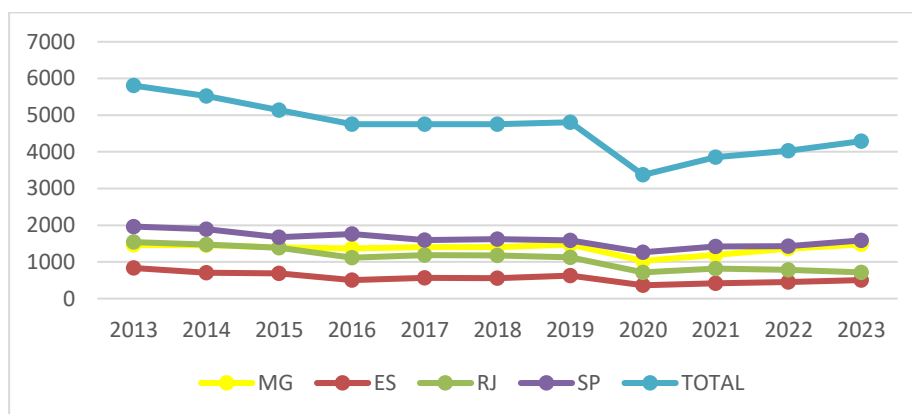
Este estudo ecológico, retrospectivo e analítico utilizou dados sociodemográficos e epidemiológicos do DataSUS/Tabnet sobre casos de hanseníase notificados na região Sudeste do Brasil entre 2013 e 2023. Os dados são abertos ao público e não permitem identificação individual dos participantes, tornando desnecessária a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Res. CNS 510/2016). Foram incluídos registros disponibilizados na plataforma, referentes exclusivamente aos quatro estados da região e ao período delimitado.

Após coleta, os dados foram organizados em planilhas para padronização e consistência antes da análise. Realizou-se descrição a partir de frequências absolutas e relativas das variáveis. A tendência temporal foi examinada por meio de tabela e gráfico de linhas no Excel Office 365, complementada pelo cálculo do *Compound Annual Growth Rate* (CAGR), que mensura a taxa média de crescimento ou redução no período. Na análise espacial, os estados foram comparados quanto à concentração absoluta de casos e à taxa de detecção (casos/100.000 habitantes), obtida com base em dados populacionais do IBGE e representada em mapas coropléticos no QGIS. Por fim, o perfil sociodemográfico dos adoecidos foi caracterizado e apresentado em gráficos do tipo pizza no Excel, permitindo visualização proporcional das categorias e identificação dos grupos mais vulneráveis.

RESULTADOS

Conforme observado no Gráfico 01, entre 2013 e 2023 foram notificados 51.077 casos de hanseníase na região Sudeste do Brasil. Houve tendência de redução progressiva dos casos até 2019, seguida por queda acentuada em 2020, coincidindo com o início da pandemia da COVID-19. A partir de 2021 houve retomada gradual das notificações sem, entretanto, atingir níveis pré-2019. O CAGR calculado para a região Sudeste indicou uma taxa de redução estimada de -2,97% ao ano para o período.

Gráfico 01: Casos notificados de Hanseníase entre 2013-2023 na região Sudeste do Brasil



Fonte: adaptado de Ministério da Saúde. DATASUS/TabNet – SINAN, 2025 ⁷

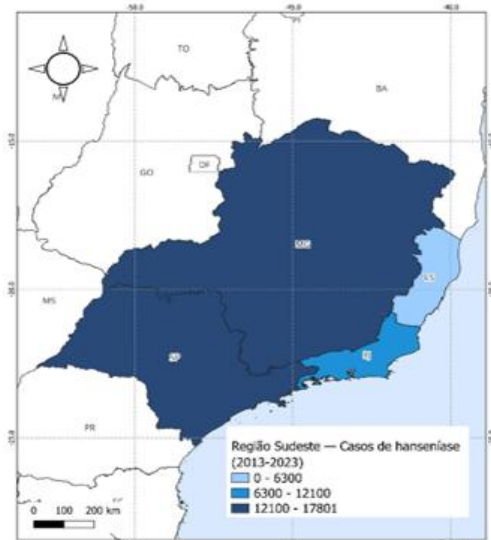
Na análise espacial, destacou-se São Paulo como o estado com maior número absoluto de casos notificados no período (17.801), seguido por Minas Gerais (15.022), Rio de Janeiro (12.016) e Espírito Santo (6.238), conforme o Mapa 01. Entretanto, ao ajustar os valores pela população de cada estado, essa relação inverteu-se, com o Espírito Santo tendo o maior número de casos por 100.000 habitantes (162,7), seguido pelo Rio de Janeiro (74,8), Minas Gerais (73,1) e, por último, São Paulo (40,1), visto no Mapa 02.

Em relação à distribuição por sexo, houve predominância do sexo masculino com 55,9% (29.095 casos), enquanto o feminino representou 44,1% (21.977 casos). No tocante à faixa etária, a maior parte dos casos ocorreu entre 20 e 59 anos (32.654 casos ou 63,9% do total), com a população idosa em segundo lugar (15.022 casos ou 29,4%).

No que se refere à escolaridade, verificou-se que maior frequência entre indivíduos com ensino fundamental incompleto (19.946 ou 39,1%), embora seja

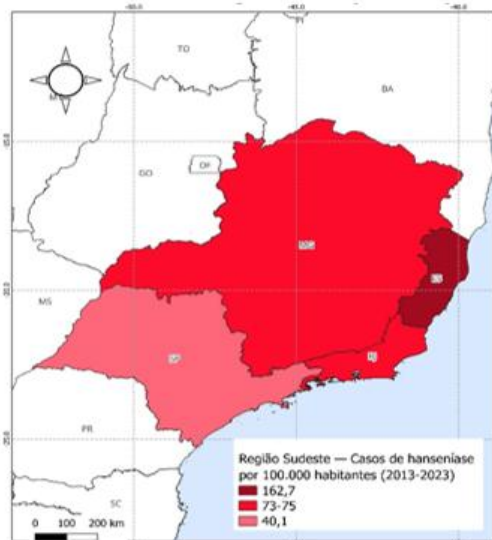
expressiva a quantidade de casos em que esse dado não foi registrado (11.139 casos ou 21,7% do total), visto abaixo no gráfico 02.

Mapa 01: Distribuição absoluta dos casos notificados de Hanseníase na Região Sudeste (2013-2023)



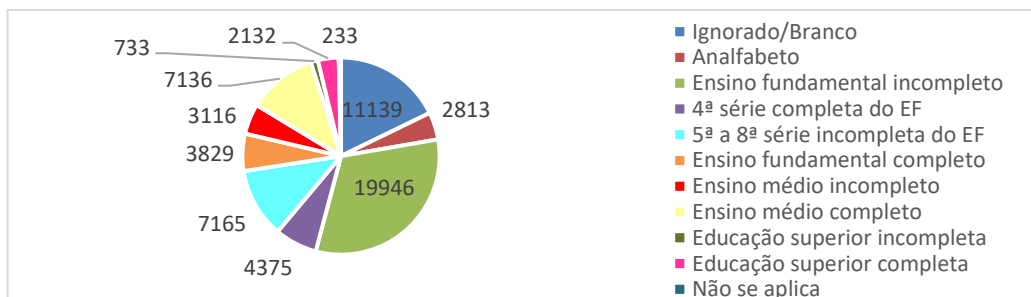
Fonte: adaptado de Ministério da Saúde. DATASUS/TabNet – SINAN, 2025 ⁷

Mapa 02: Distribuição dos casos notificados de Hanseníase por 100.000 habitantes na Região Sudeste (2013-2023)



Fonte: adaptado de Ministério da Saúde. DATASUS/TabNet – SINAN, 2025 ⁷

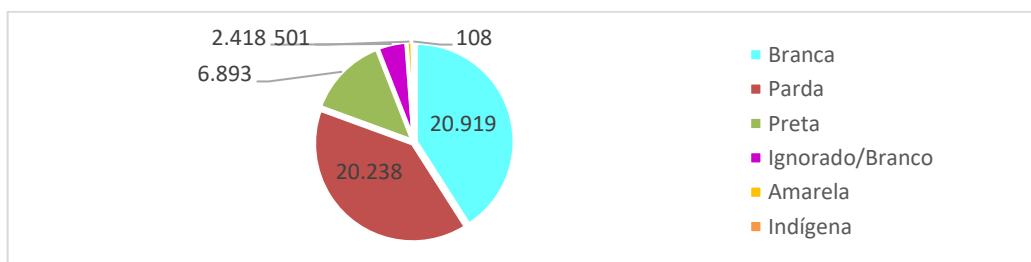
Gráfico 02: Casos notificados de Hanseníase na Região Sudeste por escolaridade (2013-2023)



Fonte: adaptado de Ministério da Saúde. DATASUS/TabNet – SINAN, 2025 ⁷

Já a variável raça/cor apresentou predominância de pretos e pardos (27.131 casos ou 53,1% do total), com os brancos ocupando o segundo lugar (20.919 ou 41%), conforme Gráfico 03.

Gráfico 03: Casos notificados de Hanseníase na Região Sudeste por raça/cor (2013-2023)



Fonte: adaptado de Ministério da Saúde. DATASUS/TabNet – SINAN, 2025 ⁷

CONCLUSÃO

Entre 2013 e 2023, a região Sudeste notificou 51.077 casos de hanseníase, apresentando tendência de redução, mas com queda acentuada em 2020, potencialmente influenciada pela pandemia. Apesar de SP concentrar o maior número absoluto, o ES lidera em incidência proporcional, seguido por RJ e MG, evidenciando a necessidade de ações ajustadas ao risco. O perfil dos adoecidos mostra predominância masculina, maior ocorrência em adultos e idosos, além de maior vulnerabilidade entre pessoas de baixa escolaridade e pretos e pardos. Contudo, lacunas em variáveis importantes, como escolaridade, comprometem a análise mais precisa.

Os achados ressaltam que o Sudeste e o Brasil ainda enfrentam grandes desafios para alcançar a meta da OMS, reforçando a necessidade de vigilância em estados de maior risco (ES, RJ) e de políticas públicas voltadas para populações que pertencem aos grupos mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹YONEMOTO, Ana Cláudia Ferreira *et al.* Fisiopatologia da hanseníase: resposta imunológica relacionada às formas clínicas. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.32058>.

²Organização Mundial da Saúde (OMS). Rumo à Zero Hanseníase: Estratégia Global de Hanseníase 2021-2030. Regional Office for South-East Asia. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789290228509>.

³JESUS, Isabela Luísa Rodrigues de. *et al.* Hanseníase e vulnerabilidade: uma revisão de escopo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023281.09722022>.

⁴LEANO, Heloisy Alves de Medeiros *et al.* Fatores socioeconômicos relacionados à hanseníase: revisão integrativa de literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 5, p. 1474-1485, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0651>.

⁵BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Epidemiologia das doenças negligenciadas no Brasil e gastos federais com medicamentos**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/portal/resource/pt/biblio-992030>.

⁶BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia Nacional para Enfrentamento Nacional para Hanseníase: 2019-2022**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

⁷BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS. TabNet – SINAN – Casos de hanseníase 2013-2023**. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>.